

A persistência da memória - relógios, repetições e transformações¹

Eneida Cardoso Braga²

“Tu queres te ver livre, expressar tudo o que está dentro, e aí tu lanças o quadro e aparece a imagem, e ela continua sendo um enigma outra vez. Pensaste que tinha revelado, e revelou, mas não revelou. Está visível, mas continua o enigma. A interrogação continua. E a resposta não foi dada.”³

Iberê Camargo

Relógios são quase uma logomarca do trabalho psicanalítico. Talvez só não sejam mais representativos do que o divã, mas juntamente com este, constituem uma imagem bastante utilizada para expressar o trabalho do psicanalista. Na forma caricata da expressão popular, nos programas de humor na TV, no teatro e no cinema, este elemento é explorado frequentemente, por exemplo, em cenas onde alguém fala de si em contraposição à indiferença do analista, que olha impacientemente para um relógio enquanto come seu sanduíche ou faz a lista de compras da semana.

Parece, à primeira vista, bastante contraditório associar tempo a sofrimento psíquico, e o relógio fica como o representante dessa antipática associação. Mas ao contrário desta caricatura, como bem sabemos, a atenção dos psicanalistas à temporalidade não se apoia nesse objeto que cronometra o tempo.

Qual é o tempo que é privilegiado no espaço analítico? O tempo presente, sinalizado pelo relógio, e valorizado pela expressão ordenada da fala? Seria este o mesmo tempo de quem escuta? Além disso, como seria possível situar no tempo, o sofrimento?

Vamos nos valer ainda dos relógios para pensar um pouco mais sobre estas questões. Para tanto, buscamos no conhecido quadro de Salvador Dalí “A persistência da memória”, de 1931, uma referência. Este quadro nos mostra alguns relógios de diferentes tamanhos, como se estivessem em processo de derretimento sob o efeito de uma forte luminosidade e calor. Assim, parece que os relógios que ali vemos e que sabemos que nos são úteis para marcar ou medir o tempo estão expostos a uma condição que os deforma *quase* ao ponto de deixarem de ser o que são. No momento expresso no quadro, ainda podemos dizer que são relógios, mas talvez com a persistência e a continuidade do calor ou da luz, em outro momento possam deixar de ser reconhecidos ou até desaparecer em uma mistura sem forma nem cor definidas.

¹ Este texto foi escrito a partir da leitura do texto “Relógios que derretem em tempos opacos – sobre a atualidade de Salvador Dalí no vigésimo aniversário de sua morte” de Ricardo Timm de Souza, 2009.

² Psicóloga, psicanalista, mestre em filosofia pela PUCRS, membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

³ Anotação pessoal. Frase em exposição do autor no MARGS (1999).

Há então ali a evidência de algo que age e persiste além da possibilidade do tempo ser medido, ordenado, linear. A ordem da definição visível, palpável, não resiste a uma outra ordem mais intensa, mais ampla, e também incessante, porque segue acontecendo.

Memória do passado ao presente: paradigmas

“A repetição evidencia um passado atual. O inconsciente é uma memória fora do tempo.”⁴

Luis Hornstein

Para pensarmos no tempo que é privilegiado em psicanálise precisamos lembrar que esta concebeu um modelo de escuta que possibilita uma nova ordem aos acontecimentos vividos na história “oficial” do sujeito, ou seja, aquela história linear, do passado ao presente, que segue o mesmo modelo temporal imposto pelos relógios e calendários. Pela escuta analítica, sabemos que o passado é encontrado através do presente, do retorno dos acontecimentos que encontramos nos vestígios da associação livre, dos sonhos, dos sintomas, das inibições, enfim, dos sinais de repetição que compõem a trama do passado na história de cada um.

Se recapitulamos brevemente as descobertas freudianas, vemos que a ideia de repetição faz parte da estruturação do conceito de inconsciente. Já nos primeiros escritos sobre a histeria, em 1893, Breuer e Freud, ao formularem a célebre frase “As históricas padecem de reminiscências”, ligam o sintoma a rememoração de um acontecimento anterior. No “Projeto para uma psicologia científica” (1895) Freud, ao desenvolver a ideia de facilitação, introduz as bases para a posterior noção de compulsão a repetição. Em 1900, com a “Interpretação dos Sonhos” considera os sonhos como a via-régia de acesso ao inconsciente, conceptualizando assim a estrutura do funcionamento psíquico nos registros dinâmico, tópico e econômico.

A formulação do complexo de Édipo, por sua vez, representa o caráter inexorável da repetição, não apenas por sua universalidade mas especialmente pela singularidade que se expressa a partir de seus desdobramentos. No Édipo, conforme nos aponta Hornstein, “se jogam a identidade e a diferença, o desejo e a proibição. No interior desta trama a individualidade biológica advém ao mundo humano e o psiquismo se plasma na inscrição constitutiva dessas relações.”⁵

No desenrolar dessa trama, a impossibilidade de efetivação do desejo edípico deve levar a sua renúncia:

O psiquismo realiza então uma espécie de “manobra” que acaba por determinar a própria forma do aparelho psíquico (mais ou menos como uma acomodação das camadas tectônicas, que determina o relevo de determinada região da terra.) tal “manobra”

⁴ Hornstein, Luis. Recordar, repetir y reelaborar: una lectura. p. 190

⁵ Idem, p.194.

foi chamada por Freud de “recalcamento” (*Verdrängung*): trata-se de retirar das representações psíquicas ligadas ao Édipo toda a energia que elas continham. Essas representações ficam, então, como que “apagadas”, mas de forma alguma inexistentes.⁶

As representações edípicas recalçadas conservam sua intensidade e assim mantêm-se ativas, determinando a estruturação e a expressão das neuroses. O recalçado clama incessantemente por manifestar-se e sua forma de fazê-lo só pode se dar pelo registro atual, repetidamente. Freud exemplifica a atuação da repetição:

O paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico. Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende.⁷

Assim como os relógios e os calendários nos sinalizam a passagem do tempo de forma precisa, e foram inventados justamente em função desta necessidade, assim podemos considerar a importância destes elementos norteadores de nossa presença e lugar. Nossa identidade está apoiada em nosso passado, em nossas vivências infantis e sobretudo na incipiente capacidade psíquica de elaborar a intensidade das excitações deste período inicial da vida.

No entanto, estas marcas não são suficientes. Poderíamos dizer sem exagero que admitir que o curso da vida poderia se dar dessa forma, como um destino, pela determinação destas experiências, significaria o mesmo que negar a existência da temporalidade. O passado se eternizaria somente se não houvesse a presença do tempo. Através da escuta analítica se evidencia então, como na referida obra de Dalí, a possibilidade de ação da temporalidade como cenário mais amplo do que os relógios são capazes de assinalar. É essa temporalidade desordenada, indefinível, que “derrete os relógios”, que pode marcar a diferença sobre a memória congelada da repetição. Entramos então no espaço de um outro registro de memória, onde a temporalidade inaugura o movimento – a capacidade de recordar e a possibilidade de esquecer.

Memória do presente ao passado e à incerteza do futuro: perspectivas

“Historizar é estabelecer laços, relações, dar um sentido ao inerte. A meta do trabalho analítico é realizar uma história simbolizante.”⁸

Luis Hornstein

⁶ LARA, Luciana Maccari. Neuroses: da tragédia “Édipo Rei” aos Édipos e suas tragédias. In: BRAGA, Eneida e LARA, Luciana. *Escuta analítica: inícios de uma prática*. Porto Alegre, SIG, 2008, p. 83.

⁷ FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. Vol XII. Rio de Janeiro, Imago, 1969, p.196.

⁸ HORNSTEIN, Luis. Recordar, repetir y reelaborar: una lectura. In: BLEICHMAR, Sílvia e outros. *Lecturas de Freud*. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1990,p.194.

Quando aborda o tema da repetição em “Recordar, repetir e elaborar”, em 1914, Freud ressalta que “o que nos interessa, acima de tudo, é, naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e com a resistência. Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual.”⁹

É o tempo atual que tem em sua dimensão as expressões do passado e as possibilidades de abertura na relação. A substituição da neurose comum pela neurose de transferência

cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível a nossa intervenção. Trata-se de um fragmento de experiência real, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis e que é de natureza provisória.¹⁰

Retornando às questões que inicialmente nos colocamos, sobre o tempo presente da fala e o da escuta, vemos que é o tempo da transferência que merece toda a atenção e norteia o trabalho da escuta clínica. Neste “fragmento de experiência real”, como denominou Freud, estão em cena, no atual, o passado e o presente, simultaneamente. A transferência, pela introdução da presença da escuta do analista, pode romper com a repetição do passado e inaugurar a ação da temporalidade sobre este. À indiferença solitária da repetição se contrapõe outra presença. A escuta de outro pode assim, ressignificar a história.

É importante lembrar aqui a ressalva que faz Freud ao final do texto de 1914: “Deve-se dar ao paciente *tempo*¹¹ para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para *superá-la*, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise.”¹² Freud chama a atenção justamente para o tempo do paciente, ou seja, para que o foco de nossa escuta seja quem escutamos, talvez mais até do que a teoria ou a própria técnica analítica. Não se trata, evidentemente de desprezar ou subestimar a teoria e a técnica, mas de não colocá-las à frente, como forma de apressar ou sugerir transformações que ainda não estão ao alcance do paciente. Analisar não é um trabalho intelectual, mas transferencial, vivencial. Desta forma, podemos entender que Freud não só distingue o trabalho analítico de terapias sugestivas e livra ao paciente de ser alvo de expectativas de parte do analista, como também destaca a importância da escuta. O analista nada mais tem a fazer, diz Freud, “senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado.”¹³

⁹ FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar, O.C. vol XII, p. 197.

¹⁰ Idem, p.201.

¹¹ O grifo é da autora.

¹² Idem, p.202.

¹³ Idem, p.202.

Entendemos assim que no trabalho de elaboração das resistências e interpretação da transferência, a alteridade e a temporalidade são elementos essenciais: é preciso Outro para confrontar a repetição do passado e possibilitar desprender-se (relativamente, ressalta Freud) deste. O sentido que ainda está por ser dado precisa alicerçar-se na transferência, desfazendo o passado de repetição e construindo um passado temporalizado.

O lugar do analista é, por isto mesmo, um desafio constante: sua presença é tão fundamental quanto sua ausência. Presença para estabelecer o permanente diálogo entre passado e presente; ausência como distanciamento necessário para fazer isso sem cair no campo da sugestão ou da intelectualização. A esse respeito, Hornstein indaga-se:

Como saber, em uma análise, que a interpretação é correta? Nem sequer basta a aquiescência do analisando, talvez sugestionado. E poderia uma construção ser mais segura? Para Freud, qualquer construção é apenas uma conjetura que aguarda ser confirmada ou recusada. Se uma interpretação só foi aceita por seu efeito sugestivo, o analista “teria que reprovar-se por não ter concedido a palavra ao paciente.”¹⁴

Dar tempo, conceder a palavra, sinônimos para priorizar a escuta. Hornstein adverte-nos ainda que, da mesma forma, precisamos “conceder a palavra” a Freud. Somente desta forma o retorno ao texto freudiano pode ser permanente. É preciso entender a história do pensamento freudiano, diz, “não como uma simples cronologia, (na qual os descobrimentos clínicos e teóricos se agregam por mera adição) nem como uma dialética (na qual o último estágio resolveria as dificuldades em uma síntese suprema). (...) Se trata, portanto de uma leitura com uma tripla perspectiva: problemática, histórica e crítica.”¹⁵ Nosso apoio na teoria, desta forma, também não segue o modelo linear. É o modelo de interrogação freudiana que deve ser privilegiado em nossa leitura, sob pena de desvitalizar e estereotipar a própria psicanálise.

A leitura de Freud deve eludir - ademais - o risco dogmático. O dogmatismo é alienante, já que substitui a pulsão de saber pelo desejo de albergar o já pensado por outro, consumando um desejo de morte que concerne ao pensamento. Tanatos converte ao pensamento em pura repetição. (...) No dogmatismo, a submissão ao texto substitui a pulsão de saber. Se desinveste o tempo futuro em proveito da idealização do já escrito. O movimento teórico, como o desejo, tem um deslizamento metonímico que não deveria deter-se mediante a fetichização de nenhum discurso (nem sequer o de Freud). Os textos são o apoio da pulsão de saber, que tende a um movimento incessante.¹⁶

¹⁴ Hornstein, p.174.

¹⁵ Idem, p.175.

¹⁶ Idem, p. 177.

Poderíamos dizer então que tanto a escuta quanto a leitura da obra de Freud estão alicerçadas, como forma de legitimação da própria psicanálise, na nossa interpelação e questionamento constantes. Sempre há algo a ser descoberto, algo que ainda não havia sido percebido. Valendo-nos ainda da obra de Dalí, podemos dizer que a persistência da memória não se resume ao detalhe, não iremos nos remontar ao passado e procurar objetos inertes, relógios como simples objetos medidores do tempo, cenas congeladas, mas sim, na persistência do presente da relação transferencial, no que ainda não foi dito nem pensado, nos vestígios, nos relógios *quase* derretidos, deformados, numa indefinição temporal; luminosidades e movimentos que estão sempre ativos e em busca de uma escuta que possa ressignificar e transformar. Ao lado de governar e educar, esse é nosso quase impossível, e por isso mesmo, tão fascinante trabalho.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. Vol XII. Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

HORNSTEIN, Luis. Recordar, repetir y reelaborar: una lectura. In: BLEICHMAR, Sílvia e outros. *Lecturas de Freud*. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1990.

LARA, Luciana Maccari. Neuroses: da tragédia “Édipo Rei” aos Édipos e suas tragédias. In: BRAGA, Eneida Cardoso e LARA, Luciana Maccari. *Escuta analítica: inícios de uma prática*. Porto Alegre, SIG, 2008.